

Magaly Richard-Serrano



NAS CORDAS

COLLÈGE AU CINÉMA
O COLÉGIO VAI AO CINEMA



Avec la participation
de votre Conseil général

Les Fiches-élèves ainsi que des Fiches-films sont disponibles sur le site internet :

Valence co i age

Base de données et lieu interactif, ce site, conçu avec le soutien du CNC, est un outil au service des actions pédagogiques, et de la diffusion d'une culture cinématographique destinée à un large public.

Edité par le

Centre National de la Cinématographie

Ce dossier a été rédigé par

Carole Wrona, professeur d'esthétique de l'image à l'École Supérieure de Réalisation Audiovisuelle (ESRA), auteur de *maginaires de la taille humaine au cinéma* (L'Harmattan, 2006) et réalisatrice du documentaire *Corinne L, une éclaboussure de l'histoire* (France 3).

Les textes sont la propriété du CNC.

Re rcie ents

Nathalie Mesuret (Blue Monday Productions), Vincent Jourde, Pyramides Distribution, Magaly Richard-Serrano
Photos de *Dans les cordes* : Pyramides Distribution, Sunday Morning Production.

Directe r de la rédaction

Joël Magny

Rédacte r en c e

Michel Cyprien

Conception grap i e

Thierry Célestine. Tél. : 01 46 82 96 29

I pression

I.M.E.

3 rue de l'Industrie – B.P. 17
25112 – Baume-les-Dames cedex

Direction de la p ublication

Joël Magny
Idoine production
8 rue du faubourg Poissonnière
75010 – Paris
idoineproduction@orange.fr

Achévé d'imprimer : décembre 2009



SINOPSE

Joseph cuida de uma academia de boxe no subúrbio parisiense. Com garra e apesar das dificuldades financeiras, ele treina sua filha, Angie, e sua sobrinha, Sandra, desde que estas são pequenas. As duas jovens foram criadas como irmãs desde a morte da mãe de Sandra, dez anos antes. Cúmplices, elas treinam e lutam, cada uma em sua categoria: Sandra no peso-pena e Angie no peso-galo. Na noite da final do campeonato francês, Sandra vence a primeira luta, Angie, perde. O convívio tão pacífico entre o pai treinador e as duas primas é abalado: Sandra, ajudada por Joseph, que projeta nela a esperança de antigo lutador, começa um regime para sair da categoria pena e combater a campeã da categoria galo. Angie, ferida, compartilha as frustrações de sua mãe, Térésa, que evita seu marido e tenta convencer a filha a retomar os estudos. Determinada, Angie decide voltar ao ringue e vencer a campeã do título. Ela começa um treinamento extremamente árduo. A rivalidade se instaura entre as duas primas. Angie escuta por acaso o depoimento de sua mãe, que desabafa em um programa de rádio: ela descobre que seu pai teve um caso com sua tia e que Sandra é na realidade sua meio-irmã. Joseph trai Térésa mais uma vez com uma ex-fã e Térésa sai de casa. Durante um treino, Angie quebra de propósito o tornozelo de Sandra e acaba concorrendo ao título. No dia da luta, Angie, que está prestes a ganhar, decide abandonar a luta. Aliviada, ela foge do ringue sob os olhares perplexos dos esportistas.

Magaly Richard-Serrano: boxe, subúrbio e romances policiais...



Magaly Richard-Serrano.

O esporte preferido

Magaly-Richard Serrano nasceu em 1972 em uma família apaixonada por boxe. Seu avô materno praticava o esporte e tinha uma academia de boxe em Vitry-sur-Seine (Val-de-Marne), subúrbio no sul de Paris. Sua mãe largou os estudos com treze anos para se dedicar às lutas. Ela explica: “Meus pais se conheceram na academia de boxe de meu avô, pois meu pai – também boxeador – era seu aluno. Eu nasci quando ela tinha apenas 16 anos. Não posso dizer que eu aprendi boxe, eu nasci dentro dele. A academia era o ambiente familiar que não tínhamos. Lá estávamos cercados de primos, tios e tias”.

O pai treina a filha e esta se torna uma das primeiras lutadoras de boxe da França. A adolescente passa a dar aulas encontra o futuro pai de Magaly. Dez anos depois, a mãe de Magaly decide retomar os estudos e por vezes leva sua filha às aulas de Jean Douchet, crítico e historiador de cinema. No entanto, ela volta aos ringues após se diplomar em educação física.

Ao retomar a academia de seu pai, vira a treinadora de sua filha. Magaly Richard-Serrano ganha duas vezes o título de campeã francesa de boxe feminino.

A aluna

No entanto, apaixonada pelo roteiro e por cinema, a jovem decide fazer um curso técnico de cinema. Após os estudos de história da arte, ela presta concurso para a FEMIS (Escola Superior de Imagem e Som). “Fiz o concurso da FEMIS como roteirista de cinema. Eles só aceitavam quatro pessoas e eu fiquei um quinto lugar. Mas Jean-Jacques Bieneix, que era presidente do júri, me aceitou como estagiária durante um ano

em sua produtora de cinema, como se fosse um prêmio de consolação, dizendo que eu não tinha perfil de roteirista, mas que eu deveria fazer direção. Foi mais um incentivo para continuar”.

A vida mais bela

Durante o estágio, ela trabalhou com longas-metragens e depois dirigiu três curtas-metragens: Papa a tué un ange (1997), Va voir ici, viens voir ailleurs (1999), Romantique ta mère (2001). Selecionada em 2000 para fazer parte da oficina de roteiro da FEMIS, Magaly Richard-Serrano funda os primeiros alicerces de seu primeiro longa-metragem que será Nas cordas (2006). A partir daí, Magaly Richard-Serrano vai se dedicar à redação e se torna uma das roteiristas de maior destaque da televisão francesa.

Depois de receber uma bolsa de roteirista de TV da fundação Lagardère em 2002 para elaborar um longa-metragem (Un garçon, s'il vous plaît), ela co-escreveu dois episódios de Léa Parker (do canal M6). Em seguida, Magaly Richard-Serrano mergulhou nos universos dos salões de beleza com Vénus et Apollon de Tonie Marshall, uma série para o canal Arte adaptada diretamente do sucesso cinematográfico Vénus Beauté (Institut) (1998), onde ela conheceu Maria de Medeiros, que mais tarde foi chamada para participar de Nas Cordas.

A jovem roteirista cria então, sempre com o apoio de Bénédicte Achard e também com Georges Desmouceaux e Olivier Szulzynger, uma das séries televisivas mais populares da França, que alguns consideram revolucionária: Plus Belle La vie (canal France 3), conhecida como PBLV. Esta “novela



de costumes inspirada na sociedade contemporânea, que retrata a vida dos habitantes do bairro popular Mistral em Marselha”, atrai quatro milhões de telespectadores cada noite e que, desde setembro de 2004, constitui um verdadeiro fenômeno na França com uma produção deste tipo (não se via uma audiência como esta desde o início dos anos 60, com novelas como *Le temps des copains*, com 115 episódios de 13 minutos e *Janique Aimée*, 52 episódios de 13 minutos!). Magaly Richard-Serrano, que trabalhou no episódio piloto de *Plus belle la vie*, é responsável pelas temporadas 1 e 2, se interessando particularmente pelos arcos e sequências desta série com episódios de 26 minutos. Magaly Richard-Serrano colabora com Frédéric Krivine na série criada por ele em 1997 *P.J.* (canal France 2), para qual ele organizou um ateliê de roteiro a partir de 1998.

Em seguida, ela trabalhou para a diretora Yamina Benguigui no roteiro de alguns episódios do que seria a série *Aïcha* (canal France 2, 2007), mas que só foi transmitida em maio de 2009 como um telefilme ao invés dos seis episódios previstos anteriormente. “Meu papel em *Aïcha* durou vários meses. Nós trabalhamos no projeto da série que nunca saiu do papel. De uma hora para outra, a produtora reescreveu o roteiro e condensou tudo em um único filme”, explica Magaly Richard-Serrano (por email em 14/05/2009). É possível reconhecer em detalhes isolados de comportamento ou de ambientação a influência de seu trabalho neste primeiro telefilme pungente de Yamina Benguigui, cujas obras sempre

abordam as relações problemáticas ligadas à integração das populações de origem magreбина no subúrbio parisiense (e *Aïcha* está no cerne destas questões). Conhecida por seu trabalho como documentarista, Yamina Benguigui dirigiu um filme de ficção para o cinema, *Inch'Allah dimanche* (2001).

Projetos

Magaly Richard-Serrano continua seu trabalho de roteirista para a televisão. Em outono de 2009 será transmitida uma série de 12 episódios, *Disparitions* (canal France 3), inspirada no romance *L'Or des Maures* de Jacques Mazeau, que mistura a trama policial ao viés esotérico (as misteriosas desapareições nos vales dos Pirineus estariam ligadas ao não menos misterioso tesouro aí escondido pelos Mouros há mais de doze séculos?). Magaly Richard-Serrano voltará à direção em 2010 em um telefilme, *Les Crapuleuses* (canal France 2), que mergulha no universo das gangues de garotas.

Mas o cinema não está em segundo plano: com a colaboração de Michel Leclerc (roteirista que se destacou por *La Tête de maman*, dirigido por Carine Tardieu em 2007) e em parceria com a Blue Monday Production, ela escreve *Le projet MRS* (Magaly Richard-Serrano), um projeto que permanece por enquanto em sigilo absoluto. Mas deve ser uma continuidade do que parece preocupá-la: ilustrar uma personagem que, para se defender em uma sociedade violenta e intolerante, deve ser forte e lutadora.

Do boxe ao filme

Uma história inspirada na realidade

Magaly Richard-Serrano partiu da história de seus pais para escrever o roteiro, a história de uma família obcecada pelo boxe, uma família em que a educação, o jogo, a rivalidade, o afeto são ritmados pelos golpes, pelas vitórias e fracassos. “As duas heroínas, Angie coberta de incerteza e Sandra, tomada pela ambição, são duas facetas da minha personalidade. Em minha família, havia um grande campeão que era nosso ídolo: meu tio, que foi campeão mundial de boxe e de Kick boxing. Era um menino rebelde, mas era um gênio e tinha um irmão, que era mais mediano. Eu achava isso injusto... pois o esforço não explica tudo. Tem um quê de magia. É angustiante...”



As duas atrizes – que aprenderam os conhecimentos básicos do boxe durante dez meses – foram escolhidas rapidamente: Louise Szpindel (Angie) graças a um filme, *Des épaules solides* (Ursula Meier, 2002), que narra a história de uma atleta profissional, e Stéphanie Sokolinski (Sandra) durante a escalação do elenco.

Richard Aconina, Maria de Medeiros, Bruno Putzulu (ator, lutador de boxe amador e praticante de taekwendo), Jean-Pierre Kalfon (que, após este filme, dirigiu um documentário sobre Chloé Cabarrecq, a Vera do filme e lutadora de boxe na vida real), Ninon Brétécher completam o elenco.

A filmagem durou nove semanas. “Todas as tomadas internas e algumas externas foram filmadas em Bourg-en-Bresse devido a uma coprodução com a região de Rhône-Alpes. A filmagem da maioria das cenas externas, do clube de boxe e do ginásio foi feita em meu meio: Vitry, Ivry-sur-Seine, Thiais. Nós moramos lá há quatro gerações! Toda a minha família fez figuração neste filme. Os outros figurantes vieram por intermédio da minha mãe, que ligou para todos os lutadores de boxe do seu caderno de telefones.”

Filmado em super 16, com a câmera nos ombros, *Nas cordas*, possui a fibra de um documentário. Auxiliada por Isabelle Razavet, diretora de fotografia que já trabalhou com Mathieu Amalric (*La Chose publique*, 2002), ou Solveig Anspach (*Haut les coeurs*, 1999), Magaly Richard-Serrano optou por uma abordagem corporal e uma visão bem realista do universo do boxe. Foram necessários seis anos, entre redação e preparação, para que a jovem diretora completasse seu primeiro filme, *Nas cordas*.

Fazer um filme: o caminho do lutador

A primeira versão do roteiro obteve apoio do CNC (Centro Nacional de Cinematografia) e Magaly Richard-Serrano trabalhou durante dois anos com Gaëlle Macé, roteirista de *Brodeuses* (Éléonore Faucher, 2004). A produtora Sunday Morning Productions entrou em cena e a futura diretora de *Nas cordas* retomou uma última vez seu roteiro: os personagens masculinos não lhe parecem cativantes o suficiente e sim muito caricatos. Pierre Chosson, autor e diretor, reescreve com ela os diálogos e termina o roteiro.

Ao invés de receber o tão esperado patrocínio, Magaly Richard-Serrano recebe do CNC uma ajuda de custos em 2005. O objetivo deste incentivo é permitir que o artista formule um projeto, valorizando sua proposta artística e apresentando as características econômicas e jurídicas de seu projeto. Em condições de filmagem, em super 16, com a equipe completa e tendo escalado as duas atrizes, a jovem dirige então um curta-metragem focado nos preparativos da luta e sobre as duas heroínas. Após a exibição, o CNC concede o almejado patrocínio. A preparação do filme então começa.

Os galos e as penas



Angie

Filha única do casal Joseph e Térésa, com vinte anos de idade, Angie vive em um apartamento do subúrbio parisiense com sua prima, Sandra. Ela pratica boxe desde sua mais tenra infância e cresce neste meio sem vislumbrar outra possibilidade. Angie, apelido de Angélique, está longe de ser um anjo divino, frágil, etéreo, apesar de o nome evocar a sua pureza. Durante a luta, é irônico que a menina angelical, com suas luvas de boxe, tenha que desestabilizar e abater seu adversário. Ela apresenta uma aparência quase ambígua. Por um lado ela se mostra indiferente à sua aparência, pouco vaidosa, sem maquiagem, sempre de calça, casaco de malha, como se recusasse sua feminilidade, pois sua paixão seria mais adequada a um garoto: o boxe. Por outro lado, ela usa cabelos compridos, presos em tranças – símbolo da união das duas primas e imagem da mulher que prende os cabelos, o que pode simbolizar a sedução e a feminilidade absoluta -, e no final do filme, ela sai do clube, levemente maquiada e com os cabelos soltos. Ao longo do filme, Térésa manifesta a vontade de pentear os cabelos da filha: esta, convalescente, não quer mais ser a sua “boneca”. Em vez dos carinhos que sua mãe pode lhe oferecer, ela prefere os golpes de seus adversários. Somente após a descoberta do segredo, Angie abraça sua mãe e acaba se mudando para seu quarto. Os olhares destinados à jovem são divergentes e isso também permite definir a psique da personagem: o pai e a prima a veem como uma perdedora (ela voltará a lutar para provar o contrário), a mãe desejaria ter uma filha vaidosa e estudiosa (Angie recusa este caminho que lhe parece pouco atraente). Ela não tem um namorado e o único amigo que propõe iniciar uma relação afetiva nem é escutado. Muito fechada, aplicada e com pouca confiança em si mesma, Angie está no centro da câmera de Magaly Richard-Serrano que não pára de seguir esta mulher em formação. Apesar de sua fragilidade, Angie vai assumir seu próprio destino ao interromper a última luta.

Sandra

Órfã de mãe, Sandra é acolhida aos dez anos pela família Perez (Joseph e Térésa). Da mesma idade que sua prima, criada da mesma forma, dividindo o mesmo quarto, Sandra também pratica boxe. O que no começo era cumplicidade, vai se tornar rivalidade. As duas primas, que na verdade são meio-irmãs (Sandra é fruto de uma aventura de sua mãe com Joseph), passam a brigar tanto no ringue quanto em casa. Voluntariosa, ambiciosa, enfurecida, sincera, Sandra assume plenamente este esporte e satisfaz todos seus



impulsos: ela se diverte, bebe, vive a sua feminilidade, sai com um boxeador da academia sem se preocupar com o que os outros vão dizer (justamente o que tanto incomoda sua tia Térésa). O esporte é sua paixão e no final, com o tornozelo ferido, não podendo concluir seu último desafio, ela se inscreve na faculdade de Educação Física.



Joseph

O pai de Angie é um antigo boxeador. Ele conheceu Térésa, filha de seu treinador, no auge de sua carreira e a conquistou cantarolando a música *Le Géant de Papier* (O Gigante de Papel), de Jean-Jacques Lafon, 1985. Ele foi nocauteado várias vezes e acusa Térésa de ser responsável por suas derrotas, por causa de um beijo dado antes de uma luta. Injusto, mentiroso, dissimulado, fraco em alguns momentos, egoísta, ele arrasta toda a família para a sua paixão, o boxe. Este esporte é mais importante do que o bem estar de suas mulheres: com o dinheiro para pagar a conta de luz, compra um manequim para a academia e não se importa com a escuridão que tomou conta de seu apartamento. Marido infiel, ele seduziu a irmã de Térésa e Sandra é sua filha. Ele demonstrará esta filiação duas vezes no filme; quando discute com Sandra e diz que eles são muito parecidos e quando, enfurecido com Angie, diz para não lutar com sua irmã. Ele não compreende a decisão de Angie, pois criou as duas filhas com a idéia de vencer a qualquer preço. Se ele examina o rosto de seu anjo várias vezes durante o filme para verificar seus ferimentos, ele nem imagina a dor que se encontra em seu interior.



Térésa

A Marilyn do bairro manteve seu poder de sedução e sua frágil aparência de menina. Loura, de cabelos curtos, maquiada e vestida de forma provocante (casaco de onça, minissaia, camisa levemente aberta, colar de pérolas, moletom rosa), Térésa é uma mulher perdida, sem uma motivação em particular e que vive em função da vida social de seu marido. Dona de casa, ela realiza minuciosamente as diferentes receitas (compota de maçã, iogurte) que ritmam os dias de sua família. Mera espectadora que sonha em interpretar um papel de protagonista e não mais ser coadjuvante, ela vive em função das vitórias e das derrotas dos boxeadores. Ao assistir as lutas, ela se posiciona na arquibancada, no alto, bem longe do espetáculo, na posição de juíza. Ironia absoluta: prende um par de luvinhas de boxe no retrovisor de seu carro. Irritada, frustrada, recusa que o marido entre em seu quarto. Ela fuma escondido, espia os passos de Sandra com binóculos (metáfora das duas primas inseparáveis que ela terá que separar), bisbilhota as coisas da sobrinha e a insulta. Apesar da preocupação com as aparências que compartilha com Joseph (é visível seu incômodo quando Térésa joga suas roupas pela janela e ele pensa que toda a vizinhança está vendo), acaba desabafando ao vivo na rádio e expõe sua vida privada. Ela então abandona o lar. Em relação à sua irmã, morta com 28 anos, guarda um misto de rancor e amor: por isso sua relação com Sandra é violenta, ela a acusa de ter destruído seu casamento. Aliás, as discussões com ela sempre terminam em gritos e tapas. Não consegue estabelecer um diálogo com a filha, pois usa as próprias frustrações para influenciar Angie. Térésa, no fundo, colhe o que plantou.

Billy

Antigo boxeador, treinador, Billy decide voltar a lutar. Suas aparições, sempre acompanhado de Joseph, evidenciam seu oposto: casado, fiel, engraçado, bom pai de família, protetor, sincero, glutão, carinhoso.



Henri

O amigo das primeiras lutas segue com paixão, mas ao mesmo tempo com prudência, as ambições de seu ex-protetido, Joseph. Presidente da federação, ele é honesto (diferente da imagem que o boxe pode despertar, principalmente o americano) e cuida das finanças um pouco caóticas do clube. Ele é o retrato do administrador apaixonado, elegante, sempre com chapéu e sua aparência lembra ironicamente os gangsteres americanos do cinema dos anos 50.

Vickie

Vickie é a eterna tiete do Joseph. Ela ressurge em sua vida sem que ele se lembre dela e vira sua amante. Seus cabelos cheios e pintados de louro é um contraponto ao casaco de onça de Térésa. Tem duas filhas animadoras de torcida, sua vida é ritmada pelo ringue. Seu nome pode ter sido escolhido em referência ao filme Touro Indomável de Scorsese: o par de Jake La Motta possui este nome.

Cumplicidade e rivalidade



Abordar o esporte no cinema consiste em alternar os treinos, que impõem uma disciplina ao esportista e que trabalham a questão do ensaio, com a luta, que atrai todos os olhares e instaura uma espécie de tempo suspenso. Para melhor alimentar a rivalidade que sustenta a relação das primas, será valorizado o jogo binário (o algarismo dois constrói o roteiro e a estrutura das cenas) que compõe a montagem dramática de *Nas cordas*.

Efeitos espelhados

“Seu adversário é tão parecido com você que ele é você”
(Joyce Carol Oates)

Dois, duplo, dualidade, duo, a face a face no ringue impõe esta equação e justifica a frase de Sandra para Angie na noite do combate: “Eu e você somos iguais”. O jogo binário gera a aparição das personagens que, através da imagem, encontram uma parte de si próprias no outro. Joseph é confrontado com Billy, Térésa com Vickie, Térésa com sua irmã (combate de além-túmulo), as primas boxeadoras com as chefes de torcida, Angie com Sandra. Há duas lutas com a campeã Cabarrecq, uma que abre e outra que fecha o filme, duas cenas de Térésa no carro, duas mães de Sandra (a morta e Térésa), duas cenas de banho reveladoras, duas vezes a imagem do cemitério, duas cenas no quarto, duas cenas na cozinha etc. Há ainda a presença do manequim, metáfora imóvel e inexpressiva de um Joseph que não

mudou. Mas esta repetição leva ao clímax do efeito dramático: como o espectador já viu esta cena em algum lugar, ele será capaz de comparar as visíveis mudanças ocorridas e perceberá as rachaduras e finalmente a ruptura.

Revelação

O segredo é um elemento narrativo extremo. Sua revelação provoca a partida de Térésa, o desejo de vingança e depois o abandono de Angie. Se o combate perdido no início do filme dá a sensação de ser o nó górdio que a heroína deve desatar, a revelação do segredo vai multiplicar as possibilidades narrativas, ampliar o mundo de Angie. Não se trata mais de um embate aterrorizante, mas de um confronto com os outros (Sandra, Joseph, Térésa) que a colocará diante de si própria.

O fim do filme, com a aparição da segunda Angie no ringue é a imagem mais marcante. Este segredo revelado pelo rádio permanece em suspenso. No entanto, esta cena inesperada, é exibida como um segredo. A voz distante de Térésa fechada em seu quarto (seu esconderijo) ressoa em um rádio portátil no banheiro. Como Angie toma banho, a expressão “banho de água fria” se aplica facilmente a esta cena que é também tão íntima: a nudez desempenha um papel importante nesta confissão. Notemos que Angie guardará para si esta confissão, ela não exporá sua mãe e não revelará à prima seu verdadeiro grau de parentesco.

Um filme “luminoso” e luminosamente colorido



Nas cordas é cercado de luz: faróis dos carros que atravessam as cortinas no começo do filme e que iluminam o rosto de Angie, anunciando os projetores do ringue, luzes dos postes que apagam e reacendem em seu sonho surrealista, luzes das velas quando a energia é cortada e que permitem um jogo de claro-escuro para revelar a infidelidade de Joseph. Este trabalho de luz é valorizado pelas sombras nos corpos, assim como os ferimentos físicos e interiores.

Assim como o corpo é o centro dos combates: o desejo acumulado (o sexo para Sandra e Joseph), o regime forçado (o ritual de pesagem antes da luta); estas adolescentes devem manter a forma, independentemente de seus biótipos, como é o caso de Sandra. A alimentação vira alvo de suspeita, pois graças a ela Térésa e Angie percebem o que os outros dois estão tramando. A luz sublinha seus corpos e seus estados de espírito: luz frontal, jogo de projetores, pontos de luz com as velas, tudo contribui para a elaboração de um mapa psíquico dos personagens. Na verdade, a escolha da palheta de cores vai realçar uma ou outra particularidade para dar uma tonalidade à cena. Por outro lado, a utilização das cores frias, como o azul, predomina no filme: o pai e as filhas estão sempre de azul enquanto que Térésa prefere o rosa ou o roxo. O papel de parede, o céu, as colchas, as bandagens lembram o azul escuro que permeia as cenas noturnas. Um jogo de vermelhos e amarelos vivos, mas pouco calorosos, anuncia a incompreensão dos personagens.

Desta forma todos os corpos se voltam para a luz. E esta luz é a do ringue, lugar restrito e paradoxalmente aberto que se opõe aos espaços ocupados pelo resto da

família, principalmente o apartamento pouco iluminado onde a mulher e as filhas vivem enclausuradas.

Quadros, corpos e combates

“Eu me encarreguei de ficar o mais próximo possível da emoção da Angie. Na primeira luta, eu optei por um olhar exterior, vindo de baixo, no nível do chão em direção ao ringue. Depois fico no centro dos golpes, até perdermos os referenciais. Na luta com a “irmã” eu trabalhei o carnal, no fator atração/repulsão. Na última, quase fantasmagórica, escolhi aspectos estéticos da violência. Queria que cada luta tivesse uma abordagem formal, para descrever o estado de espírito dos personagens naquele momento.” (M. Richard-Serrano)

A diretora filma corpos que atacam, revidam, reagem em uma coreografia, trágica, muda, de corpos que se posicionam no centro de um lugar encantado, o ringue. Este espaço é tão encantado que a primeira visão de Angie, em contra-luz com o fundo azul estrelado, é filmado de forma que poderia ser um desfile de moda. A trilha sonora sustenta a marcha altiva. Usando câmeras-lentas, subjetivas e uma sonoplastia distante, a respiração forte, Magaly Richard-Serrano faz alusão à encenação de Touro Indomável. Mas Nas Cordas é realista enquanto o filme de Scorsese engrandece as lutas. No entanto, a antiga boxeadora leva em conta a técnica da luta (pés, pernas, braços, punhos) que engloba todo o corpo, adaptando a estética de filmagem que prioriza os planos gerais e médios, já que o boxe pode ser trabalhado em grande plano, de

corpo inteiro. Da mesma forma, o movimento leve das pernas, acrobático, deslizante, a leveza dos braços, são enfatizados com os cortes que fazem com que a edição passe ao espectador, com dois planos do mesmo movimento, nas costas do personagem ou na frente dele. A variedade dos golpes é obtida com uma câmera apoiada no ombro.

É possível encontrar semelhanças estéticas de *Nas Cordas* com *Garota de Ouro* de Clint Eastwood (2005): a boxeadora se destaca do fundo escuro, os gritos da platéia e o barulho dos flashes são trabalhados como som de fundo onírico e selvagem, as luzes dos flashes são como pontos de luz na amplitude do ringue.



Disposição do espaço e de iluminação

Há poucas cenas externas e nestas os personagens aparecem correndo ou fugindo. O conjunto habitacional é apenas descrito, sem vizinhança, com o horizonte pouco mostrado ou então atravessado pelos fios dos postes que lembram as cordas do ringue. Os três locais de maior destaque são: a sala de esportes, muito colorida e iluminada, o jardim cultivado e seus tons acinzentados com os espaços vazios das rosas cortadas e roubadas e o cemitério que adquire uma coloração suave graças à roupa lilás de Térésa e às flores na árvore atrás dela.

Muitas cenas são noturnas e o apartamento é tão pequeno e filmado de tal maneira (com tantos cortes e planos rápidos e editados) que não é possível identificar a disposição dos cômodos. Este efeito revela o estado de espírito dos personagens interrompidos e isolados uns dos outros. Nem o quarto das meninas é mostrado em sua totalidade: ele é dividido em dois; o canto da Sandra e o canto da Angie. São dois espaços muito diferentes (papel de parede, cores,

fotos, posição da cama) para mostrar a separação das duas primas. Esta família vive enclausurada.

O universo é visivelmente kitch no quarto-refúgio de Térésa: cartaz do Elvis Presley, decoração anos 80. Este cômodo caloroso e sensual com predomínio do vermelho é decorado com velas, buquês de flores, um busto de mulher ao fundo, espelhos, gavetas, caixas, símbolo do secreto. No entanto, é o local proibido a Joseph. Duas vezes Térésa impede a sua entrada e a primeira parece ser motivada pela resposta à pergunta: "Você conversou com a sua filha?" e ele hesita, pois não sabe a qual das duas sua mulher se refere. O quarto proibido – é aí que Térésa fuma escondida e desabafa no programa de rádio – é filmado com a câmera no ombro, como nas lutas, seguindo e revelando os gestos de Térésa. E se as meninas possuem um quarto e Térésa também, Joseph não tem um local em sua casa para descansar. O cômodo onde ele toma café na casa da Vickie, que faz as vezes de sala de estar, quarto, pista de dança de seus fantasmas é iluminado por pequenos focos, evidenciando o rosto abatido de Joseph. O vermelho do plano de fundo simboliza o desejo, o vermelho que preenche o espaço de Térésa e que lhe é negado.

Uma cor também tem a função de emoldurar uma cena: Angie, na cozinha, com o fundo predominantemente castanho, sentada em uma mesa cor de chocolate. Esta reflete seu olho roxo, que já está marrom. Térésa chega com um pote de Nutella, com um vestido roxo, mas a iluminação o faz parecer quase um veludo escuro. Nesta cena, é a cor do olho inchado de Angie que preenche o espaço.





Título original: Dans les cordes

Produtora: Sunday Morning Production, Rhône Alpes Cinéma

Produção: Philippe Hagège

Direção: Magaly Richard-Serrano

Roteiro: Magaly Richard-Serrano, Gaëlle Macé, Pierre Chosson

Fotografia: Isabelle Razavet

Som: Martin Boissau

Edição: Yann Dedet (FDB)

Edição de som e mixagem: Jean-Marc Schick

Trilha sonora: Jérôme Bensoussan

Elenco:

Joseph Richard Anconina

Térésa Maria de Medeiros

Angie Louise Szpindel

Sandra Stéphanie Sokolinski

Billy Bruno Putzulu

Henri Jean-Pierre Kalfon

Abdou Diouc Koma

Jamel Chems Dahmani

Vickie Ninon Brétécher

Vera Chloé Cabarrecq

Ano: 2006

País: França

Filme: 35mm (super 16), a cores

Formato: 1.85

Duração: 1h 33min.

Distribuição: Pyramide Distribution



FILME DE BOXE

De qual ponto de vista?

- Como as lutas de boxe são filmadas? Qual a diferença da forma como são filmadas nos outros filmes?
- Porque Magaly Richard-Serrano filma as lutas e os treinos em planos abertos? Isso se deve ao fato de serem mulheres? Do tipo de esporte praticado?
- As cenas de luta são mostradas de um ponto de vista objetivo, neutro, ou elas são mostradas pelo olhar de um personagem?
- Mostre como cada luta evoca o aspecto de espetáculo (choque dos golpes e das imagens) e de suspense (quem vai ganhar?) para desenvolver o conhecimento dos personagens e seus problemas.

ENCENAÇÃO

Organização do espaço

- Como a diretora usa os lugares para expressar as aspirações dos personagens ou as relações opressoras desta família?
- Como são filmadas a sala e o espaço do ringue na hora da luta? Quais recursos Magaly Richard-Serrano utiliza para transformá-las em um lugar encantado?
- Qual a função das cenas externas?
- Estudar a ambientação do apartamento. Ele possui quantos cômodos? Quem os ocupa? Como são organizados “os” quartos de Angie e de Sandra antes de Térésa partir? O que os separa? O que essas ambientações nos dizem?

PERSONAGENS

O peso do passado e do segredo

- Partindo do princípio que o filme se passa no presente, sem flashbacks, o passado é onipresente, sempre evocado nos diálogos.
- Evocar o problema do pai: ele não foi um campeão de boxe e suas duas “filhas” deveriam alcançar suas aspirações. Seu egoísmo, seu narcisismo, sua franqueza, sua incompreensão em relação à Angie...
- Como o mistério em torno do nascimento de Sandra paralisa a vida de cada personagem?
- A evolução de Angie, a mais introspectiva, a única que conseguiu escapar do peso da família, do boxe, do segredo...
- Como os personagens secundários fazem eco, devido suas relações com o passado, aos problemas dos protagonistas.